





O GRANDE E MARAVILHOSO LIVRO DAS FAMÍLIAS: REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA E OS DIFERENTES ARANJOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS

The big and wonderful book of the families: reflections about Childhood and different contemporary familiar arrangements


Roberta Franciele SILVA


Departamento de Educação Comunicação e Artes
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil
roberta.franciele@uel.br
<https://orcid.org/0000-0002-5633-5323> 

Marta Regina FURLAN

Departamento de Educação Comunicação e Artes
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil
mfurlan.uel@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2146-2557> 

Eduardo Augusto FARIAS

Departamento de Educação Comunicação e Artes
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil
professoreduardofarias@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7241-0530> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este texto objetiva analisar e refletir a obra literária de Mary Hoffman e suas contribuições para o processo de compreensão dos diversos arranjos familiares constituídos na contemporaneidade. As reflexões se deram a partir das atividades relacionadas ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina e da participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância e Teoria Crítica da respectiva universidade. A metodologia é um estudo bibliográfico e análise literária pelos limiares de autores contemporâneos que dialogam com esta temática envolvente. Desse modo, se faz pertinente um trabalho educativo e de ensino que se inicia na responsabilidade primeira da família de orientar e esclarecer à criança sobre a realidade familiar vivida e, em sequência a escola e ao trabalho docente envolvido pelo comprometimento com a formação humana da criança, pelo viés da ampliação do olhar acerca dos arranjos familiares constituídos na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Literatura. Infância. Família. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This essay aims to reflect on the literary work of Mary Hoffman and her contributions to the process of comprehension of the different familiar arrangements formed in contemporaneity. The reflections came from activities related to the Post graduate Program - Masters on Education by the State University of Londrina and the participation in the Group of Studies and Research in Education, Childhood, and Critical Theory of the mentioned university. The methodology is a bibliographic study and literary analysis through the threshold of contemporary authors that dialogue with this involving themes. Therefore, educational work is relevant and starts in the primary responsibility of the family on guide and explains to the child about the familiar reality lived, and then to the school and teaching work involved by the commitment with the education of the human child at the bias of the ampliation of the view about the familiar arrangements formed in contemporary society.

KEYWORDS: Education. Literature. Childhood. Family. Contemporaneity.

APONTAMENTOS INICIAIS

[...] O convívio entre as pessoas pode ser variado, indiferente ou não a 'laços de sangue' e, mesmo assim, podemos defini-lo como um conjunto de relações familiares (Martins; Szymanski).

As reflexões em torno da temática proposta para este texto se deram a partir das atividades relacionadas ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina e da participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância e Teoria Crítica da respectiva universidade. Na oportunidade, foi realizado um trabalho de análise da obra literária “O grande e maravilhoso livro da família” escrito por Mary Hoffman e ilustrado por Ros Asquith, o qual desenvolve reflexões em torno de temáticas sobre a pluralidade cultural, comportamento humano e relações familiares. Esta literatura é destinada às crianças a partir de 6 (seis) anos e apresenta uma linguagem simples e com ilustrações divertidas e lúdicas, permitindo ao professor da infância desenvolver o ensino e a aprendizagem com as crianças, especificamente as que estão em período de transição da pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental.

A obra é potencializadora para novos olhares em relação à família e à infância e os seus lugares na sociedade contemporânea, no sentido de ampliar a visão e compreensão de que esse contexto social e cultural traz implicações para a construção do conceito de infância e as instituições familiares, visto que não há “a família”, mas sim, uma diversidade de combinações circunscritas históricas e socialmente.

Em relação a obra “O Grande e Maravilhoso Livro das Famílias” foi publicada em 2010 pela Editora SM, de autoria de Mary Hoffman com ilustração de Ros Asquith, foi escrito para o público infanto-juvenil. Embora tenha vinte páginas, a história é ilustrada com muitas cores e formas, atraindo a atenção de leitores de diferentes idades. A tentativa de construir interpretações à luz da leitura da obra, permitiu um arcabouço substancial de entendimento de que esta temática se faz urgente e necessária de ser discutida com as crianças em sala de referência e, para outros contextos. Ainda que seja um livro considerado extenso para o trabalho com as crianças menores, os modelos familiares são apresentados com pequenas frases e diversidade de cores, permitindo por meio da leitura e ou contação da história, uma forma didática de compreensão pelas crianças, principalmente por sua linguagem e possíveis relações com os tipos de famílias existente entre elas.

O livro, ainda, apresenta um tema considerado delicado para os pais e difícil de ser trabalhado pelos professores, visto que apresenta diferentes constituições familiares: tradicional, monoparental, reconstituída, adotiva, dentre outras, e que vem sendo historicamente modificadas, assim como também o papel exercido por seus membros. O título da obra é sugestivo no que se refere aos diferentes modelos familiares. A história se inicia com uma crítica ao modelo familiar presente na literatura clássica composta por pai, mãe, filhos, um cachorro e um gato, no sentido de ressignificar a família por meio da apresentação de um cotidiano envolvido por diferentes tipos de famílias e suas particularidades, texto este promotor de um trabalho educativo e crítico voltado às crianças.

Para além de uma simples história, a autora se preocupa, por meio de imagens divertidas, em apresentar as diferentes constituições familiares, seus diferentes aspectos e costumes de convivências, os animais de estimação que as famílias costumam ter, como estudam, onde trabalham, como passam suas férias de fim de ano, o que comem, como se vestem, como se divertem e comemoram, entre muitos outros (Hoffman, 2010). Podemos considerar essa obra uma rica oportunidade para colocar as crianças em contato com a Literatura Infantil criando necessidades de leitura e aprendizado sobre o mundo e sua interação social.

No que se refere ao conceito de família, vale a pena retomar a etimologia da palavra. Família, desse modo, é derivada do latim *famulus*, que significa “escravo doméstico”, “servo”. O termo era utilizado na Roma Antiga para designar todos os que estavam sujeitos ao *pater familias*: não só escravos e servos, mas também os animais. Diante disso, o termo *família* relacionava-se ao patrimônio e à riqueza do que necessariamente aos laços de sangue. O vocabulário *gens*, de *genere*, que significa “gerar”, é que se referia às pessoas com parentesco genético, tal como a família nuclear que conhecemos hoje composta por pai, mãe e filhos, assim como realça Moreno (2012).

De acordo com Horkheimer e Adorno (1973), a família é uma das mais antigas instituições sociais e mediadoras centrais da formação do indivíduo, e para esses autores a família tem um importante papel em possibilitar experiências formativas que ocorrem propriamente no seio familiar. Corroborando Vygotsky (2005)¹, aponta a

¹ Embora não seja a base teórica sustentada neste texto, neste momento de reflexão, é possível dialogar sobre o assunto com o respectivo teórico.

importância das primeiras relações estabelecidas entre criança-adulto como forma de conhecer o mundo que a cerca. Nesse caso são aqueles que exercem o papel de educadora nata que irão a princípio intervir no desenvolvimento psíquico da criança e em suas primeiras relações com o mundo que a cerca.

Diante disso, o trabalho educativo sobre essa temática é de grande mister, considerando que ainda há a convergência dos olhares das diversas ciências, culturas e crenças que estudam o humano e suas relações formativas familiares e que certos posicionamentos acabam sendo restringidos a uma visão padronizada do que seja a família no cenário atual. Essas diferentes formas de compreensão imprimem posicionamentos restritos no que tange ao assunto e, deste modo, se fecham para outras combinações de vínculos.

Ora, na contemporaneidade, é fato de que a família pode ser concebida como um grupo de pessoas que constitui, não necessariamente por homem-pai, mulher-mãe, filhos e irmãos de sangue, mas sim, de pessoas que exercem a função paterna e materna, o papel de filho e o papel de irmão. Isso não significa, necessariamente, que em todas as famílias tais funções – paternidade, maternidade, filiação e fraternidade – aconteçam da mesma forma e, que não necessariamente estejam vinculadas às questões de gênero (masculino ou feminino) (Moreno, 2012).

Para Marcuse (1997), o avanço da tecnologia possibilitou novas formas de existência de pensamento e de relações entre os homens. Novos arranjos familiares emergiram, as crianças que outrora tinham apenas a compreensão de que a família era formada exclusivamente por um pai e uma, mãe passaram a ter experiências diversas de cuidado e afetos, sendo incluídas as relações familiares por meio de cuidados de avós, irmãos, tios, tias, primos e, em lares de adoção que se constituiu uma nova forma de organização familiar.

Esses novos arranjos familiares, embora pouco discutidos no espaço da escola com as crianças, conforme destaca Moreno (2012), passaram então a estar presentes na Literatura Infantil como forma de ressignificar o conceito de família para as crianças. Na obra "O Grande e Maravilhoso Livro das Famílias" de Hoffman (2010), estão presentes diferentes formas de organização familiar: família nuclear, monoparental, reconstituída, famílias por adoção, e outras, desmistificando a crença de que o afeto, amor e maternagem estariam presentes apenas na família nuclear, denominado por Oliveira Jr, Moraes e Coimbra (2015) como "Família Margarina", um modelo social de família caracterizado por laços de consanguinidade e heterossexualidade.

A metodologia, de natureza qualitativa, é um estudo bibliográfico e análise literária da história “O grande e maravilhoso livro das Famílias” em consonância com os autores contemporâneos que dialogam com esta temática, tais como: Horkheimer e Adorno (1973), Moreno (2012), Marcuse (1997), Sarmiento e Marchi (2019) entre outros.

Neste sentido, o problema do estudo é: quais as contribuições da obra literária “O grande maravilhoso livro da família” para o processo de compreensão dos diversos arranjos familiares na contemporaneidade? Como subproblema: que caminhos o professor da infância pode buscar, no que tange ao processo de ensino e aprendizagem acerca desta temática envolvente? Desse modo, as construções contemporâneas realizadas em torno dos arranjos familiares estão imbricadas na concepção de infância que se tem neste contexto.

O objetivo principal é analisar e refletir a obra literária de Mary Hoffman e suas contribuições para o processo de compreensão dos diversos arranjos familiares constituídos na contemporaneidade. Como objetivo específico, reflete sobre os possíveis direcionamentos educacionais de professores da infância no trabalho sobre esta temática com crianças em fase de transição da pré-escola e ensino fundamental.

Desde os primórdios o homem está em constante mudança e transformação. Vivendo em uma sociedade demarcada pelo capital, nesse movimento sua relação com a natureza, com os meios de produção, tecnologia, assim, como as relações estabelecidas entre os homens foram se modificando de acordo com as demandas econômicas e sociais. Essas modificações em esfera macro e micro provocaram intensas mudanças sociais e alcançaram a família patriarcal que a partir do marco da entrada da mulher no mercado de trabalho ocasionaram uma modificação nas estruturas familiares decorrendo do estabelecimento de novas configurações familiares onde outrora tinham-se papéis definidos.

A metodologia, de natureza qualitativa, é um estudo bibliográfico e análise literária da história “O grande e maravilhoso livro das Famílias” em consonância com os autores contemporâneos que dialogam com esta temática, tais como: Horkheimer e Adorno (1973), Moreno (2012), Marcuse (1997), Sarmiento e Marchi (2019) entre outros.

O texto está organizado da seguinte forma: No primeiro momento será discutida a concepção de infância e família no cenário atual, principalmente como forma de compreensão do que se tem constituído neste cenário marcado pela pluralidade cultural e diversidade humana. No segundo momento, será realizada uma reflexão analítica do

texto e suas contribuições, no que diz respeito ao processo de compreensão dos arranjos familiares e possíveis interseções da educação infantil e dos docentes no que se refere ao trabalho educativo com as crianças em fase de transição da pré-escola e ensino fundamental.

DE QUE INFÂNCIA E FAMÍLIA ESTAMOS FALANDO?

[...] sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos (Clarice Lispector).

A história tem revelado que a constituição da infância e família estão intimamente relacionadas ao contexto sócio-histórico, econômico, cultural e formativo de uma comunidade ou realidade. Ao olhar para a história, constata-se que a infância confronta com o contexto social vigente e suas implicações formativas. Por meio de uma análise sócio-histórico da definição da infância moderna, faz-se necessária a caracterização da individualidade e, ao mesmo tempo, da globalização em que se exprime a modernidade em torno das crianças que, na conjuntura atual, desafiam a norma ocidental da infância contra o discurso que as encobre via radicalidade das suas condições de crianças (Hobsbawm, 1995).

A família tem passado por diversas transformações ao longo do tempo. Hoje, é possível ver diferentes configurações familiares, incluindo, além da família nuclear, tios, avós, padrinhos e mesmo amigos. Esses grupos caracterizam-se por relações de influência recíproca, direta, intensa e duradoura, interiorizadas por seus membros. No que diz respeito aos arranjos familiares, é possível analisar algumas das possibilidades de constituição familiar (família tradicional, família monoparental, família reconstituída, família homoafetiva, família adotiva, etc.), bem como a influência do desenvolvimento tecnológico (uso da pílula anticoncepcional, reprodução assistida, exame de DNA), do setor jurídico (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8.560, de 29 de dezembro de 1992, que regula a investigação de paternidade dos filhos), e da mudança dos papéis desempenhados, hoje, pelos avós, pelo homem-pai, pela mulher-mãe, no contexto familiar (Moreno, 2012).

Das trilhas construídas na história sobre a infância, há a percepção de que a criança em alguns momentos foi desconsiderada, logo romantizada e envolvida por sentimentos de afeto, principalmente as que vinham de um contexto familiar de posição

social e *status* e, sequencialmente, um olhar e discursos voltados a uma criança subjetivamente particular, com seus desejos e ações no mundo entre outras concepções. Diante disso, é fato de que as alterações sociais e econômicas contribuíram de maneira significativa para a construção de um novo conceito de infância na medida em que as formas de produção foram sendo alteradas pelo capital, conseqüentemente, a infância foi sendo (re) organizada. Enquanto na sociedade feudal a criança era vista como um adulto em miniatura, no contexto do capitalista ela é vista como um potencial para a produção de mercadoria e consumo e, ainda, revelada enquanto adulto precoce, mas em um novo contexto.

Estes indicadores históricos e sociais apontam para algumas configurações estabelecidas no que se refere à infância enquanto condição social e à criança enquanto sujeito histórico. Essas configurações são: *a*) a delimitação conceitual da infância como categoria social e as crianças como atores sociais concretos; *b*) a produção de teorias e conceitos diferenciados entre a Psicologia, Sociologia, Filosofia e Pedagogia em relação à construção social da infância e da criança no cenário atual. Não obstante, este campo de estudo é atravessado por disputas paradigmáticas decorrentes do debate das vertentes teóricas estabelecidas e pela discussão sobre a construção do conhecimento de grupos sociais desprovidos de “voz própria”, como é o caso das crianças (Sarmiento; Marchi, 2019).

Por esse ângulo, a infância e a criança de que se trata neste texto está para além da concepção de infância assentada numa célula familiar nuclear composta por pai, mãe e descendentes, coabitando sob o mesmo teto e com a proteção e amparo dos mais velhos, que contribuem para a constituição de um modelo de família burguês. Por incrível que pareça, as crianças neste cenário, principalmente as que vivem em situações socialmente desprivilegiadas, dividem em “pé” de igualdade com os adultos, as agruras da vida, imposta pela lei da sobrevivência, sendo esquecidas em relação às demais crianças, sendo isso na maioria dos casos.

Sobre esse assunto, Ketzner (apud Jacoby, 2003, p. 15) revela a criança plasmada à circunstância deste cenário.

Portanto, aquela criança afetada pela produção cultural, ou seja, que tem acesso aos meios de produção cultural, como o livro, o gibi, o cinema, o teatro, os programas de televisão, a internet, o brinquedo, não é a mesma que está nas ruas e nos semáforos. Essa, de maneira geral, pouco conhecemos, até porque se encontra solenemente ausente da maioria dos estudos sistematizados (Ketzner apud Jacoby, 2003, p.15).

Na mesma linha de pensamento, para Moreno (2012, p.23), a infância é uma construção social “[...] ser criança significa, antes de qualquer coisa, ser pessoa, ser gente que se alegra e se entristece, que chora e que sorri, que brinca que fantasia, que se cansa e que se anima; um sujeito único, complexo e individual”. Ajunto, Mello (2007), bem como Silva e Hai (2012, p. 12), destacam o conceito de infância e criança como sujeito histórico, social e cultural, “síntese de múltiplas determinações”. Logo, a infância é uma construção histórica, social e temporal de acordo, com cada cultura e sociedade que a criança está inserida. São os significados que cada sociedade atribuiu à criança que determinam a concepção de infância, e que tiram ou colocam a criança no anonimato social.

Por conseguinte, neste contexto social vigente, o adulto tem cada vez mais direcionado seu olhar e suas ações à criança para o que ela virá a ser no futuro (devir), enquanto que a criança deseja ser apenas o que ela é (tempo do agora). Sobre isso, Moreno (2012, p. 57) destaca diferenças e semelhanças:

[...] a criança hoje assemelha-se e se afasta da criança do passado, pois está vive sua infância num contexto bastante diferente do de ontem. Assemelha-se ao que diz respeito à especificidade do ser criança, sua dependência do adulto, sua espontaneidade, criatividade, curiosidade, o brincar. Afasta-se em razão das mudanças da sociedade contemporânea, que contribuíram e muito para o desenvolvimento infantil, assim como, influenciaram suas relações com os adultos em razão dos direitos que lhe foram conferidos, do acesso a uma sociedade que vive aceleradamente (Moreno, 2012, p. 57).

Analisando os dizeres da autora, entende-se que em nenhuma outra época se deu tanta importância à criança nos discursos oficiais, midiáticos, propagandísticos, econômicos, entretanto, o adulto tem projetado nelas seus desejos e sonhos agregando na criança um mundo inerente a ela, segundo Leite Filho (2001), a sociedade ainda é pensada pelos e para os adultos. Em se tratando do contexto econômico e da Indústria Cultural, o documentário “A invenção da Infância” (2002), dirigido por Liliana Sulzgbach, retrata a realidades econômicas distintas entre crianças e revela como as crianças estão sendo preparadas para o “vir a ser” e não para serem quem elas são, sendo matriculadas em escolas de línguas, de artes, de esporte e influenciadas diariamente para consumirem produtos impostos pela mídia sem necessidades inexistentes. Por outro lado, temos crianças que vivem uma infância totalmente distinta, em um mundo onde o trabalho é necessário para sua subsistência. Isso demonstra que as condições econômicas também definem significativamente a infância de diferentes crianças (Kramer, 2003).

Acerca da manipulação via a lógica do consumo no universo infantil, Oliveira (2011) destaca que a Indústria Cultural tende a agir na produção e mercadorização da vida e das relações, bem como a manutenção e produção da semiformação (formação para a utilidade) nas crianças desde muito cedo. Para Adorno (1973, p. 95), “com efeito, a indústria cultural é importante enquanto característica do espírito hoje dominante. Querer subestimar sua influência, por ceticismo com relação ao que ela transmite aos homens, seria prova de ingenuidade”. Isso se constitui, visto que a produção de mercadorias nos diferentes segmentos adaptados ao consumo das crianças, faz com que a Indústria Cultural se ajuste aos moldes dos seus consumidores, no caso o público infantil. Esse acesso das crianças aos produtos (brinquedos, alimentos, vestuários, acessórios, etc) cresceu exponencialmente, quando as relações familiares foram também se modificando, fruto das necessidades que o capital gerou no âmbito familiar.

Outra questão importante para compreender esta nova configuração social e econômica, consiste na inserção da mulher no mercado de trabalho e o longo tempo de distanciamento dos componentes familiares em decorrência das longas jornadas de trabalho, gera a necessidade dos pais em compensar as crianças devido a ausência com a ação do amor-retribuição, visto que, a aquisição da mercadoria e a satisfação dos desejos dos filhos pode ser uma forma sutil de amenizar a dor da ausência e solidão causado pelos responsáveis devido à carga extensiva de trabalho. Assim, as crianças têm acesso aos brinquedos e outros produtos que desejam, mas a sua subjetividade continua sendo formada em meio ao silêncio da ausência.

É certa a grande influência da Indústria Cultural tanto na infância quanto nas instituições familiares, nos comerciais televisivos, nos *outdoors*, nas prateleiras dos supermercados, lojas de departamentos revistas e outros meios de comunicação estão presentes um modelo organizacional em prol da família nuclear ou o que podemos chamar de “família margarina”, visto que, nos últimos anos, a indústria alimentícia tem vendido seus produtos e com eles um ideário de família: casal heterossexual branco com filhos de classe média alta vivendo na mais perfeita harmonia com práticas estereotipadas e estigmatizadas da família.

Pelas lentes adornianas, a indústria cultural promove nos indivíduos o conformismo diante das imposições estabelecidas pela sociedade capitalista e por seus modelos uniformes e padronizados sobre infância e família. Acerca da aceitação ao que nos impõe a sociedade, Gros (2018, p. 1), ao discutir a anestesia coletiva por qual a sociedade passa frente a barbárie, clarifica que “[...] o problema não é a desobediência, o problema é a obediência”, na sociedade da barbárie que não é refutada pelos sujeitos.

Acerca da sociedade contemporânea, Oliveira (2011) destaca a racionalidade como resultado da emancipação, contudo, para a autora, emancipar-se é esse processo árduo, embora o homem se humanize nas relações coletivas, a tomada de consciência é um processo interno e solitário, no qual apenas o sujeito é capaz de atingir o esclarecimento e refletir criticamente.

Diante disso, conforme destacam as autoras Moreno (2012), Kramer (2003), Mello (2007) e Oliveira (2011), a infância não é um período apenas marcado pelo biológico, mas sim uma categoria histórica e social, que sofre alterações de acordo com cada cultura e época. A criança é um ser social criativo, crítico capaz de se expressar pela fala e corpo, questionar e observar o mundo que a cerca agindo sobre ele. Diante desse contexto, assim como a infância foi se constituindo em expressão ao mundo social mais amplo, a instituição familiar também tem tomado novos contornos no que tange a sua concepção e configuração no seio da sociedade atual.

Por conseguinte, a família precisa ser considerada em sua complexidade social e afetivo formativa, exigindo profundas reflexões. A família tem seu caráter dinâmico por resultar de significativas transformações no que diz respeito a sua composição e às relações estabelecidas entre seus componentes, quanto às normativas de convivência e sociabilidade externas existente (Oliveira, 2015). Essas transformações nos valores e costumes contemporâneos se tornam de grande relevância quando o assunto é família e suas relações com as nossas crianças.

À vista disso, conceituar família na contemporaneidade é um exercício que exige inquietantes reflexões, visto que ela é expressão de significativas transformações. Oliveira (2015, p. 23) considera que essas mudanças acontecem de maneira interna e externa, ou seja, “[...] tanto internamente, no que diz respeito a sua composição e as relações estabelecidas entre seus componentes, quanto às normas de sociabilidade externas existentes, fato este que tende a demonstrar seu caráter dinâmico”. A família, portanto, é uma entidade flexível e permeável à sociedade, sendo necessário considerar aspectos como demografia, vida privada, papéis familiares, relações entre Estado e família, lugar, parentesco, transmissão de bens, ciclo vital da família e rituais de passagem (Hintz, 2001).

Nesse processo histórico, cultural e social, novos desafios são postos a fim de melhor direcionar a cultura formativa por meio de uma educação crítica sobre os conceitos de infância e família às crianças desde a mais tenra idade, especificamente na fase de transição entre a pré-escola e o ensino fundamental. Essa discussão se faz necessária à criança, principalmente ao considerar as afirmativas de Wallon (1995)

sobre a relação *eu-outro* vivida cotidianamente e, que é uma relação ao mesmo tempo de acolhimento e de oposição, sendo que no desenvolvimento é incorporada e internalizada no processo constitutivo do mundo psíquico. Por seguimento, esse par dialético *eu-outro* passa a ser constitutivo do mundo psíquico, promovido por um constante movimento de diálogo, debate e interlocução.

Desse modo, se faz pertinente um trabalho reflexivo que se inicia na responsabilidade primeira da família de orientar e esclarecer à criança sobre a realidade familiar vivida e, em sequência, a escola e ao trabalho docente envolvido pelo comprometimento com a formação humana da criança, pelo viés da ampliação do olhar acerca dos arranjos familiares constituídos na sociedade atual, a fim de que as crianças desenvolvam um pensamento crítico e reflexivo sujeitos éticos que respeitem as diferenças e que sejam capazes de pensar neles e nos outros, vislumbrando assim uma sociedade mais justa e respeitosa em todos os contextos.

O GRANDE E MARAVILHOSO LIVRO DA FAMÍLIA: ARRANJOS FAMILIARES E INTERSEÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A discussão da obra literária “O grande e maravilhoso livro da família” na Educação Infantil é uma das possibilidades de conhecer as diferentes famílias em prol da ressignificação crítica sobre o conceito que tem, historicamente, modificado. Partindo do modelo nuclear de família, composta por um casal heterossexual e seus filhos, Hoffman aborda as mudanças na organização familiar que se estabeleceram ao longo do tempo desde sua composição, até as mudanças sociais que impulsionaram seu modo de viver (figura 1).

Figura 1: Livro “O Grande e Maravilhoso Livro das Famílias”



Fonte: www.google.com.br

Acerca da família monoparental composta apenas pela criança e um pai ou mãe, família anaparental na qual os irmãos assumem a responsabilidade uns pelos outros, ou famílias formadas por casais do mesmo sexo, Moreno (2017) reverbera que a família não se constitui necessariamente por um pai ou por uma mãe, ou por laços sanguíneos, mas por pessoas que exercem a função paterna e materna que podem ser primos, tios, avós, adoção entre outros

Dessa maneira, cabe à educação infantil e ao trabalho pedagógico e docente o exercício de reflexão sobre o tema como forma de combate e superação do preconceito inclusive as famílias formadas por adoção, desconstruindo as concepções estereotipadas e discriminatórias. Nesse quesito, a literatura é uma possibilidade didática de ensino para o trabalho educativo com crianças, principalmente em fase pré-escolar e escolar², a fim de compreender e refletir acerca de sua condição subjetiva no mundo e as relações envolventes.

O grande e maravilhoso livro da família: um exercício crítico e sensível sobre os tipos de família contemporânea. Palavras são como estrelas facas ou flores. Elas têm raízes, pétalas, espinhos, são lisas, ásperas, leves ou densas. Para acordá-las basta um sopro em sua alma e como pássaros vão encontrar o seu caminho. (Murray, 1999).

Hoffman (2010), de forma leve e, ao mesmo tempo desafiadora, aborda como as famílias se relacionam com a escola, apresentando os conflitos vividos pelas crianças nesta relação e outras temáticas que se relacionam com este universo familiar. A autora ainda destaca o trabalho entre as famílias, na qual o homem passa a ficar em casa cuidando dos filhos enquanto a mulher assume a posição de provedora do lar. São destacados os costumes alimentares das famílias, suas formas de se vestir, as principais comemorações tradicionais familiares.

A obra dá destaque a participação dos animais na constituição familiar, mostrando às crianças que algumas famílias não possuem animais de estimação, contribuindo com a relação que as crianças estabelecem com os animais e em sua resolução de conflitos para aquelas que não os podem ter. São enfatizadas, ainda, as individualidades dos membros familiares ao tratar dos diferentes *hobbies* dos familiares, como os sentimentos que cada um expressa de maneiras diferentes como amor, medo, raiva,

² De acordo com a LDB a Educação Infantil é formada pela Educação Infantil atendendo as crianças de 0 a 3 (zero a três) anos de idade em creches e pré-escola de 4 (quatro) a 5/6 (cinco, seis) anos de idade e obrigatória, enquanto que, a educação escolar destina-se as crianças matriculadas no Ensino fundamental entre crianças de 6/7 (seis, sete) anos de idade.

alegria e carinho. O livro ao final sugere a construção de uma árvore genealógica³. Essa sugestão se apresenta rica já que possibilita à criança conhecer sua história, suas partes e suas raízes.

A autora, de maneira ampla, potencializa a compreensão sobre diversos assuntos relacionados aos arranjos familiares atuais, tais como: a) o significado da palavra "família"; b) os tipos existentes de família; c) para que serve uma família e suas contribuições para a vida dos seus membros; além de outras questões que envolvem esse universo institucional marcado por vínculos biológicos, sociais, culturais, afetivos, legais/jurídicos, etc.

Nas primeiras páginas a autora traz os seguintes dizeres e questionamentos: "Este livro mostra muitas famílias que vivem de jeitos bem diferentes. Será que alguma é parecida com a sua?". O questionamento mostra um caminho potente para discutir, por meio da educação, com as crianças as diferentes organizações do núcleo familiar, uma vez que imprime possibilidade de reflexão com as crianças voltados a discussão sobre matriz de identidade, diversidade, comportamento e socialização dos membros de cada contexto familiar, principalmente, porque as interações familiares (não importa sua composição) constituem a base de nossa socialização e elementos fundamentais para a "formação do eu" (Wallon, 1995).

Independentemente da referência afetivo-social – pai, mãe, avó, tia, tio, irmão - referendada ou não em laços sanguíneos, é necessário que existam dinâmicas de apego e maternagem, oferecendo afeto, cuidados, acolhimento, proteção e atenção às necessidades vitais da criança em processo de desenvolvimento. Mahoney e Almeida (2007, p. 17) clarificam essa ideia, ao afirmar que a afetividade "[...] refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis".

Wallon (1979, p. 163) afirma que "[...] o meio é um conjunto mais ou menos estável de circunstâncias nas quais se desenvolvem existências individuais", uma vez que a maneira pela qual o indivíduo pode satisfazer suas necessidades mais fundamentais depende do meio, e não necessariamente de uma herança biológica. Nesse prisma, a família deve ser respeitada e considerada fonte principal para o desenvolvimento da criança, independentemente da forma em que está constituída. Padrões de família e seus membros não garantem afeto, respeito e desenvolvimento

³ Como informação, a árvore genealógica é uma representação histórica dos ancestrais pertencentes ao seio familiar e que fazem parte em contextos históricos e culturais diferentes.

integral da criança. Essa situação familiar é revelada no livro com as seguintes afirmações: “Muitas crianças vivem com a mãe e o pai. Mas muitas outras vivem apenas com o pai...ou só com a mãe. Algumas vivem com a avó e o avô. Algumas crianças têm duas mães ou dois pais. E algumas são adotivas ou afilhadas” (HOFFMAN, 2010, p. 2).

É neste espaço textual a relevância da mediação do adulto sobre o preconceito das famílias formadas pela adoção, isso porque, nos desenhos, comerciais e novelas está presente uma idealização de família que quase sempre aparece constituída pela herança biológica e ainda que toda genitora é capaz de amar incondicionalmente. Ao descobrirem novas formas de organização familiar é possível que as crianças sintam necessidades de junto as outras investigar, pesquisar, entrevistar estabelecendo relações com a sua própria história de família e a realidade que as circunda. Além disso, durante o trabalho com a obra de Hoffman (2010), é possível buscar com os pequenos⁴ outras obras literárias que também discutem sobre a pluralidade familiar e a diversidade, ampliando seu repertório literário e sobre o tema.

A literatura, nesse sentido, é um recurso de importância neste processo formativo e, se for bem mediado pelo adulto, pode tratar de temas complexos de maneira mais criativa, lúdica, sensível e em sintonia com a linguagem da criança. Perrotti (1986) revela que a literatura infantil se caracteriza como um modelo de discurso estético, que rompe com os valores da burguesia e com o cunho didático e pedagógico concedendo voz e vez às crianças, visto que há possibilidade de um trabalho articulador entre a fantasia e imaginação em confronto e diálogo com a realidade existencial dos sujeitos sociais.

Candido (1967, p. 7) afirma, também, que “[...] a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. É possível, portanto, compreender que a literatura permite que o sujeito desvele os vários sentidos, significados e relações com o meio em que vivemos. Uma das possibilidades de apresentar a realidade vivida socialmente à criança é por meio da literatura que envolve a arte, a música, a poesia, os contos entre outros arranjos, e que efetivamente promovem o desenvolvimento psíquico, emocional, afetivo e cognitivo da criança. Para além de uma escolha aleatória de obras, é fundamental a escolha de obras que sejam constituídas de um conteúdo expressivo e intenso para a formação integral das crianças desde a menor idade.



⁴ Crianças pequenas de 0 a 3 anos de idade.


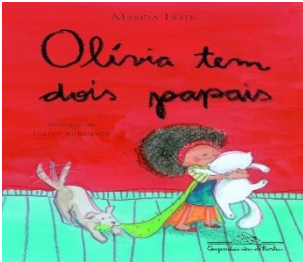

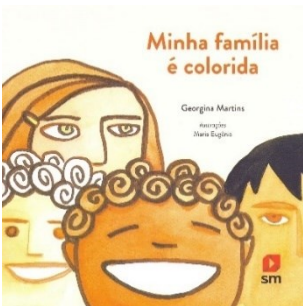
A obra direciona para o universo que compõe a família plural, tocando em elementos vultosos, como: tipos de família, moradias, trabalho, férias, comidas, roupas, animais, celebrações, hobbies, transporte e sentimentos. A partir das questões relacionadas aos sentimentos traz uma intensa relação com o mundo afetivo e subjetivo humano:

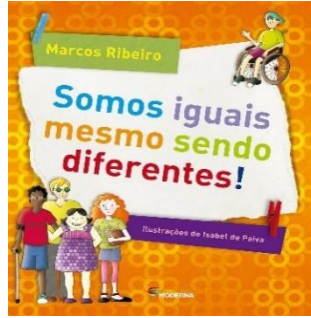
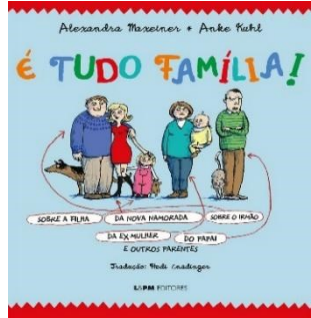
Em algumas famílias, todo mundo compartilha o que sente. Outros são mais tímidos. Ou talvez prefiram guardar os sentimentos para si próprios. Às vezes nem todos sentem da mesma forma. E os sentimentos podem mudar rapidamente. Você alguma vez tentou fazer uma árvore genealógica? Às vezes nem é preciso ir muito longe para encontrar uma parte de família em outros países. E, se sua mãe ou seu pai têm outra pessoa, você vai ter que fazer um arranjo totalmente novo de galhos. Então, famílias podem ser grandes, pequenas, felizes, tristes, ricas, pobres, espalhafatosas, silenciosas, bravas, bem-humoradas, preocupadas ou desencanadas (Hoffman, 2010, p. 27).

Sem recorrer ao didatismo ou lições explícitas, a obra insere-se de forma objetiva sobre os diferentes arranjos familiares, ressaltando ao final que “[...] famílias podem ser grandes, pequenas, felizes, tristes, ricas, pobres, espalhafatosas, silenciosas, bravas, bem-humoradas, preocupadas ou desencanadas”, (Hoffman, 2010, p. 31). Em consonância com este trecho, existem outras obras literárias que podem ser acrescidas nesta discussão da pluralidade familiar e a diversidade, assim como mostra o Quadro 1:

Quadro 1: Conjunto de livros

TÍTULO RESUMO	AUTOR ILUSTRADOR	EDITORA ANO	CAPA
<i>Tudo bem ser diferente</i> : o autor aborda o tema adoção, separação dos pais, deficiência física e preconceito racial de forma divertida para crianças e adultos.	Escrito e ilustrado por Todd Parr.	Panda Books, 2002.	
<i>Somos um do outro</i> , um livro sobre adoção e famílias: o livro apresenta as diferentes composições familiares, famílias com pai e mãe, pai solteiro, mãe solteira, duas mães ou dois pais mostrando que a adoção é um ato de amor e propõe uma reflexão sobre o preconceito.	Escrito e ilustrado por Todd Parr.	Panda Books, 2009.	

<p>A princesa e a costureira: narra a história de uma princesa prometida a um príncipe que se apaixona por uma costureira, para garantir um final feliz elas contam com a ajuda de outras pessoas mostrando a importância do respeito, compreensão e apoio das pessoas que nos cercam. O livro auxilia famílias e docentes na discussão sobre a diversidade humana.</p>	<p>Autoria de Janaina Lestão com ilustrações de Júnior Caraméz.</p>	<p>Metanoia, 2016.</p>	
<p><i>O menino que brincava de ser:</i> conta a história do menino Dudu que brincava de ser o que sua imaginação permitisse e, também, a reação dos adultos, com seus julgamentos.</p>	<p>Autoria de Georgina e com om ilustrações de Pinky Wainer.</p>	<p>DCL, 2013.</p>	
<p><i>Olívia tem dois papais:</i> apresenta a história de Olívia e seus dois papais em uma família homoafetiva cheia de amor.</p>	<p>Escrito por Márcia Leite com ilustrações de Taline Schubach.</p>	<p>Companhia das Letrinhas, 2010.</p>	
<p>Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!: narra as sapequices de uma menina muito especial a obra contribui para construção da identidade positiva na infância em especial das meninas negras.</p>	<p>Escrita por Lucimar Rosa Dias com ilustrações de Sandra Beatriz Lavandeira.</p>	<p>Alvorada, 2012.</p>	
<p><i>Minha família é colorida:</i> apresenta as diferenças físicas de diferentes membros de uma mesma família mostrando ao longo da narrativa que todos somos feitos da mistura de etnias, hábitos e tradições.</p>	<p>Escrito por Georgina Martins com ilustrações de Maria Eugênia.</p>	<p>Edições SM, 2015.</p>	

<p><i>Somos iguais mesmo sendo diferentes:</i> é um livro imprescindível para docentes e pais abordarem o respeito, a diversidade e a igualdades de direitos.</p>	<p>Autoria de Marcos Ribeiro com ilustrações de Isabel de Paiva.</p>	<p>Moderna Literatura, 2012.</p>	
<p><i>É tudo família:</i> apresenta a constituição e organização das famílias em sua construção histórico-social dos primórdios aos dias atuais sendo uma das obras mais completas para crianças.</p>	<p>Escrito por Alexandra Maxeiner com ilustrações de Anke kuhl</p>	<p>L&PM Editores, 2019.</p>	

Fonte: do autor, organizado em 2024

De modo objetivo, essas obras são de grande relevância para o trabalho na educação infantil, principalmente por envolver discussões relacionadas aos contextos existenciais das pessoas e a variação temática que torna preciosa na constituição dos saberes e conhecimentos mais elaborados pela humanidade. Diante disso, as obras relacionam-se com assuntos sobre as diferenças físicas, sensoriais, raciais-étnicas e culturais; a adoção; a diversidade humana e a luta pelos direitos das pessoas LGBTQIA+; sobre gênero e sexualidade e a luta para a aceitação da família; a constituição da família homoafetiva e a configuração familiar diversificada; a questão sobre as relações étnico-raciais e as características físicas, emocionais de cada pessoa. Ainda, mobiliza a reflexão sobre a mistura de etnias e a diversidade humana e, por último e não menos importante, fomenta a igualdade de direitos por meio do diálogo, principalmente no que se refere à forma de lidar com as diversidades diárias da vida.

Logo, tanto para aquele que lê como para a criança que escuta, as obras literárias são relevantes e desafiadoras em prol de novos horizontes formativos tanto docentes quanto de crianças. Para Moreno (2017), ao apresentar à criança as diferentes constituições familiares por meio da literatura, é preciso ter uma seleção prévia do livro a ser lido, considerando sua qualidade estética e o conhecimento da criança acerca do tema, bem como o conteúdo desenvolvido no texto em sintonia com a ilustração das imagens. Candido (1967, p. 180) afirma que a leitura é “[...] um direito básico a todas

as pessoas, sendo indispensável na infância, a literatura ligada aos direitos humanos como uma necessidade universal” mediadora da aprendizagem e desenvolvimento.

Exemplo disto, é o “O grande e maravilhoso livro da família” que fomenta valores, culturas e modos subjetivos de vida e de interação no mundo, e quando o assunto é formas de sobrevivência e lugares em que vivem, o texto se faz importante: “As pessoas vivem em alguns tipos de casa. Algumas famílias pequenas moram em casas grandes. E algumas famílias grandes moram em casas minúsculas. E algumas pessoas não tem nenhum lugar para morar” (Hoffman, 2010, p. 7).

Esta discussão é importante, principalmente pela criança viver em um mundo marcado pela mercadoria, consumo e status social, reconhecer que não há um modelo de vida e de lugar. Cada família tem uma história, uma realidade que precisa ser respeitada e valorizada, e até mesmo, abre-se aqui um leque de subtemas que podem ser desenvolvidos com as crianças: diversidade cultural e econômica, solidariedade, quebra de paradigmas e estereótipos, principalmente quando o assunto é família periférica e ou fragilizada economicamente, valores humanos (ser em detrimento de ter) e outros assuntos. Para a forma de sobrevivência familiar, a autora relaciona ao trabalho da seguinte forma “em algumas famílias todo mundo trabalha. Em outras uma pessoa trabalha. Alguns pais trabalham em casa. Outros não conseguem emprego de jeito nenhum” (Hoffman, 2010, p. 11).

Neste contexto do mundo do trabalho, é importante promover um olhar crítico e sensível na criança em relação à sociedade atual que, em sua maioria, ao invés de garantir a dignidade humana por meio do trabalho produtivo, manipula muitas pessoas e famílias a viverem em condições precárias e de bolsas assistenciais. Aqui estaria um assunto de profunda reflexão, relacionando com a própria realidade das crianças e dos membros familiares que, por meio de suas condições, constroem formas de sobrevivência. Atrelado a isso, a comida (um dos assuntos do livro) pode ser relacionada nesta discussão e até explorar os valores comercializados de alimentos e os tipos de comidas que são consumidas pelas famílias. De repente, a discussão pode ser expandida ao relacionar tipos de comida, com tipos de famílias, culturas e valores “alguns pais e mães são excelentes cozinheiros. Outros preferem comprar comida pronta. A maioria das famílias compra alimentos em supermercados e feiras. Mas algumas pessoas cultivam o próprio alimento” (Hoffman, 2010, p. 15).

Nesse prisma, o que é fato na obra de Hoffman e demais obras citadas no texto, é a possibilidade de desenvolvimento formativo da consciência crítica das crianças, auxiliando no processo de humanização dos sujeitos, promovendo o pensar crítico

diante da realidade que os cerca. Silva e Arena (2011) ratificam que a inserção da criança na literatura exige formas adequadas e de acordo com as necessidades de leitura e vivências reais, permitindo, desse modo, compreender as funções sociais de leitura do texto em consonância com a realidade existencial das famílias. Pressupõe-se que,

[...] a literatura deve fazer parte da vida da criança também na escola da pequena infância, de forma provocada, intencional, em que as situações de contato com a literatura sejam criadoras de novas necessidades de ler, de conhecer, de expressão e de prazer por meio da relação dialógica que se estabelece com ela. (Silva; Arena, 2011, p. 5).

Destarte, tanto a obra analisada como as demais obras citadas, remetem a uma visão crítica em relação aos aspectos ideológicos, culturais, sociais, entre outros. Assim, a literatura se afasta de ser meramente utilitária e se caracteriza como uma possibilidade de ensino e construção crítica da realidade, tanto por docentes quanto crianças. Mesmo no universo das crianças pequenas que ainda não se apropriaram da linguagem escrita, ter contato com o texto literário possibilita avultar suas funções psíquicas, dando condições para que ela desenvolva e aprimore seu repertório vocabular e de comunicação, além do desenvolvimento da memória, atenção, concentração, senso estético e apreço pela arte e pelo belo em confronto com a realidade social.

Não somente por estas possibilidades de aprendizado, a obra de Hoffman (2010) convida docentes e a escola para o processo de discussão em sala de aula com as crianças de forma responsável e bem planejada, principalmente ampliando o olhar para outras atividades escolares denominadas pedagógicas, como as datas comemorativas que de maneira geral são ainda bem enfatizadas no calendário escolar. Ainda, é preciso pensar na inserção desta discussão sobre a família plural nos projetos político pedagógicos, bem como nos cursos voltados a formação inicial e continuada de profissionais da Educação.

APONTAMENTOS FINAIS OU NOVOS OLHARES

Ao retomar o objetivo geral deste texto, novos olhares são colocados em pauta. O desafio está em formar os sujeitos para a tolerância e o respeito e, sendo assim, a escola enquanto instituição formadora tem o papel de oportunizar às crianças – mesmo as pequenas – a refletirem sobre as diferenças pensando a coletividade. No texto, a preocupação voltou para a obra de Hoffman (2010) como uma das possibilidades para trabalho educativo tanto da família quanto da escola em desenvolver experiências do

pensar crítico de maneira lúdica, prazerosa, envolvente e, ao mesmo tempo, tecida de crítica e de confrontação com a realidade existencial dos homens. Desse modo, a contribuição da literatura para ressignificação da temática sobre a família plural entre as crianças, revela um dos caminhos na arte de ensinar de maneira criativa e crítica de professores.

Nesse prisma, os assuntos adormecidos e até negligenciados na história, como é o caso da infância e da diversidade familiar, tomam uma proporção inesperada pelas correntes teóricas conservadoras, e aflora um novo sentimento à luz da diversidade, pluralidade e subjetividade humana. Em consonância, a literatura que até o começo do século trazia a temática família de maneira secundária e estereotipada, é desafiada a um novo caminho, uma nova trilha de sentido e de contribuição didático-pedagógica para o trabalho com crianças desde pequenas. Além disso, alarga o sentimento de respeito e de visibilidade da criança e de suas descobertas individuais em sintonia com o pertencimento de si e do outro no mundo, ou seja, a literatura e a mediação do adulto pode ser porta-voz para uma nova cultura voltada à família plural e que se efetiva de maneira diversa no mundo.

Conforme exposto, a arte da literatura age sob o indivíduo de forma subjetiva, permitindo que o receptor reelabore seus sentimentos individuais. A arte literária atua para exteriorizar as tensões muitas vezes reprimidas e, em algumas ocasiões, nos motivam a agir no âmbito social, tendo a capacidade de nos provocar, inquietar, inquietar e transformar, revelando a realidade da essência humana com o propósito de possibilitar a compreensão, a reflexão das relações humanas, permitindo um sentimento de pertença.

A obra de Hoffman (2010) descortina caminhos para uma leitura profunda das entrelinhas que residem no texto tanto escrito como imagético, proporcionando uma experiência estética, lúdica e potencializadora do conhecimento crítico na infância. As histórias infantis se mostram um recurso potente para o constructo humano dos pequenos e combate ao preconceito e mitos que cercam das constituições familiares.

Isto posto, os meios sociais e educativos dos quais as crianças participam e relacionam são formas que deixam marcas na construção de sua humanidade. O contato literário desde a tenra idade possibilita a tomada de consciência e emancipação dos sujeitos na medida em que possibilita a compreensão dos mecanismos que envolvem a sociedade atual. A partir disso, defendemos que a literatura infantil não deve ser utilizada como preenchimento de tempo vago ou ser ofertada às crianças apenas como cumprimento de uma rotina sem significado para elas. O contato com o texto literário

deve ocorrer de forma prazerosa, imagética, criativa, expressiva e crítica da realidade e viabilizadora e potencializadora da formação dos pequenos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos de Sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

GROS, Frederic. Nós aceitamos o inaceitável. In. GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018. (p.9-18).

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Pensando famílias, p. 8-19, 2001.

HOBSBAWM, Eric. Revolução Cultural. In: Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMAN, Mary. **O grande e Maravilhoso Livro das Famílias**. São Paulo: Edições SM, 2010.

KETZER, Solange. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOBY, Sissa. **A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003. p. 11-27.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Pereira (orgs). **Infância: Fios e desafios da pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

LEITE FILHO, Aristeo. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, Regina Leite; LEITE FILHO, Aristeo. (Org.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.29-58.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998. 1ª ed.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda. Ramalho. A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem. In: **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15-24

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. Praga – **Revista de Estudos Marxistas**, São Paulo, n. 1, p. 113-140, 1997.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. Brincando de casinha: o significado de família para as crianças institucionalizadas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, n. 1, 2004. p. 177-187.

MELLO, Suely. Amaral. **Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Perspectiva (Florianópolis), v. 25, p. 83-104, 2007.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630/1371>. Acesso em: 06 jan 2024.

MORENO, Gilmara Lupion. **A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos:** estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MORENO, Gilmara Lupion. **Histórias infantis e adoção: por uma cultura adotiva na escola.** In: JORNADA DE DIDÁTICA, 4.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD, 3., 2017, Londrina. **Anais [...].** Londrina: UEL, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/2017---anais-da-iv-jornada-de-didatica-docencia-na-contemporaneidade-e-iii-seminario-de-pesquisa-do-cemad.php>. Acesso em: 22 dez.2024.

MURRAY, Roseana. **Receita de acordar palavras.** São Paulo: FTD, 1999.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **A lógica do consumo na sociedade contemporânea e sua influência na mediação do professor no processo de formação do pensamento infantil.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011. Disponível em: <http://old.ppe.uem.br/teses/2011/2011%20-%20Marta%20Regina%20Furlan.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de; MORAES, Dirce Aparecida Foletto; COIMBRA, Renata Maria. Família Margarina?: As Estereotipias De Famílias Na Indústria Cultural e a Des/Re/Construção De Conceitos Docentes. **Revista Histedbr On-Line**, V. 15, P. 1-362-362, 2015.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo: Ícone, 1986.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade:** Para uma Sociologia da Infância. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/498>. Acesso em: 05 mar. 2024.

SILVA, Greice Ferreira; ARENA, Dagoberto Buim. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária.** *Álabe*, Spain, n. 6, p. 1-14, dez. 2011. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/105>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SILVA, Janaina. Cassiano; HAI, Alessandra. Arce. **O Impacto das concepções de desenvolvimento infantil nas práticas pedagógicas em salas de aula para crianças menores de três anos.** *Perspectiva*, v. 30, p. 1099-1123, 2012.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Veja, 1979.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança.** São Paulo, Nova Alexandria, 1995.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

O GRANDE E MARAVILHOSO LIVRO DAS FAMÍLIAS: REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA E OS DIFERENTES ARRANJOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS

The big and wonderful book of the families: reflections about Childhood and different contemporary familiar arrangements

Roberta Franciele Silva

Mestrado em Educação
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil
roberta.franciele@uel.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5633-5323>

Marta Regina Furlan

Doutorado em Educação
Pós-Doutorado em Educação
Universidade Estadual de Londrina
Departamento de Educação Comunicação e Artes
Londrina, Brasil
mfurlan.uel@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

Eduardo Augusto Farias

Mestrado em Serviço Social e Política Social
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil
professoreduardofarias@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7241-0530>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Caetano Sitta, 765, 86183-570, Cambé, Pr, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. F. Silva, M. R. Furlan, E. A. Farias

Coleta de dados: R. F. Silva, M. R. Furlan, E. A. Farias

Análise de dados: R. F. Silva, M. R. Furlan, E. A. Farias

Discussão dos resultados: R. F. Silva, M. R. Furlan, E. A. Farias

Revisão e aprovação: R. F. Silva, M. R. Furlan, E. A. Farias

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 06-03-2024 – Aprovado em: 03-11-2024